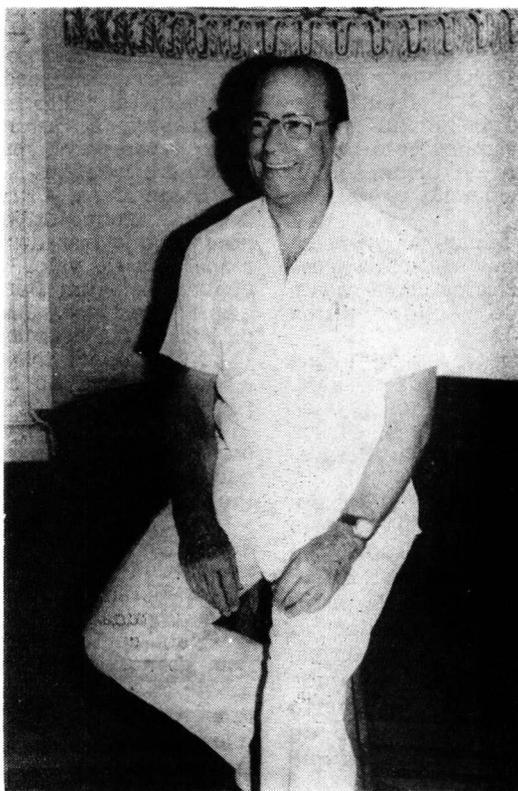


## PROF. JOVIANO DE REZENDE FILHO



\* 03.04.1912

† 10.04.1985

O falecimento do Professor e amigo de todos nós, Professor e amigo de várias gerações de oftalmologistas do Brasil e de outros países, é uma perda sofrida. Os Arquivos Brasileiros de Oftalmologia prestam assim, graças aos Professores Hilton Rocha e Almiro Azeredo, singela homenagem ao grande homem e oftalmologista.

R. B. Jr

## JOVIANO DE REZENDE

Morreu Joviano de Rezende.

Defini-lo, delinea-lo, é difícil.

Colega, amigo, filho, esposo, mestre, pioneiro.

Nós éramos mais ou menos coevos, com pequeno avanço etário a meu favor.

Pequeno na cronologia, mas grande quando tínhamos que comparar a juventude dele com o encanecido biógrafo de hoje.

Mas, durante meio século, convivemos. E bem.

Sempre amigos. Ambos mineiros; um, lá de Além Paraíba (ou Porto Novo do Cunha), bem na fronteira do Rio, facilitando-lhe o acesso. O outro, eu, lá no Sul de Minas, outras bandas, mas ambos com as características montanhesas, de discrição, de prudência, mas também com laivos de desconfiança.

Dessa desconfiança liminar, ao primeiro contato, que logo se dissipa e se desfaz, quando flui a identificação, principalmente quando o mineiro tomava desde logo o verniz cosmopolita do carioca.

Eu, neste retrospecto, vou bem longe. Éramos jovens, na terceira década da vida. Resolvi enfrentar a certa altura, aos 26 anos de idade, o meu primeiro concurso. Queria ser livre-docente na Praia Vermelha. Perdoável ambição juvenil.

Pontificava o mestre Abreu Fialho, em Minas estava Linneu Silva, na Bahia Cesário de Andrade e em Niterói o saudoso Paulo Pimentel. Eles deveriam julgar-me. E afinal aprovaram-me. Mas, no momento da prova cirúrgica (era uma operação de Elliot), o jovem Joviano veio socorrer-me, na enfermaria da Santa Casa, oferecendo-me sua ajuda espontaneamente (era bem dele), e de certo modo amenizando a inevitável emoção do candidato de outras plagas. Era assim que ele conquistava a todos.

Um tênue conhecimento transformava-se numa sólida amizade.

Joviano conquistou o Rio, um pouco antes de conquistar o País. Era capaz, era simpático, era prestimoso, era culto. E sobretudo era desprendido.

Começou desde logo a fazer escola. Um grande professor sem cátedra, antes mesmo de tê-la em Volta Redonda.

Os seus discípulos, tratavam-no como irmão e como mestre. Transmitia o que sabia (e era tanto) sem refolhos. Quando morreu, era de se ver o enxame deles em revoada afrita, ou em preces chorosas, não que-

rendo aceitar o infortúnio, mas convergindo para o seu último adeus.

Lá estava seu corpo (também eu participei da revoada), com sua esposa e heroína, digna, sofredora e de pé, enfrentando o velório, retendo as lágrimas, porque bem sabia que era assim que Joviano queria.

Os seus amigos, inconsoláveis, entravam e saíam, pranteando-o.

Entre eles, o seu querido grupo da Cruz Vermelha, dos oculistas associados, que marcou época no cenário da oftalmologia brasileira. Marcando época, tanto pelos que se associaram (de tanto mérito), muito pela querida esposa tão jovem e tão firme, que por certo prosseguirá, mas sobretudo por ele o timoneiro invulgar.

Santa Casa, Cruz Vermelha, Volta Redonda... Pouco importa... O que vale é o homem, que traz dentro de si um fanal, de respeito e de valor. 'Feliz aquele que traz dentro de si um Deus, um ideal de beleza, e que o obedece. Ideal de arte, de ciência, de Pátria, de virtudes evangélicas.'

Numa época triste e preocupante, como a que vivemos, no cenário médico brasileiro, a sua lembrança é lenitivo.

O ensino falece, a Previdência claudica, as virtudes médicas querem-nas solapar; mas não podem, não conseguem. Há um lastro moral que vem de longe.

Se alguns séculos antes de Cristo, Hipócrates, na ilha de Cós, plasmou um juramento que perdura, os pequenos Hipócrates se sucederam e se sucedem, fazendo fincapé na dignidade e na ética.

Não serão estigmatizados trânsfugas, nem despuddorados Taylors, que serão capazes de conspurcar um sacerdócio. Não serão exageros publicitários e jornalísticos, de manchetes forjadas à custa de deslizos ocasionais, que tisanarão o conjunto.

Contra os trânsfugas, contra os Taylors, agigantam-se os Jovianos da ética, a lembrar que a deontologia sempre aponta para um duplo aspecto: — não violar os direitos alheios e amar ao próximo como a nós mesmos.

Morreu Joviano. Morreu bem, sem sofrer. Deixou-nos o exemplo. Deixou-nos a esposa, os associados e os discípulos. É o que vale. Não passou pela vida em brancas nuvens. Viveu, sorriu, criou. E acima de tudo, amou.

Descanse em paz.

HILTON ROCHA

## AO ETERNAMENTE JOVEM PROFESSOR

O Joviano viveu e morreu jovem.

Gostava da vida no meio da juventude, que ajudava a crescer.

Conquistando conhecimentos e habilidades, jamais as guardou para si próprio. Alegria sua transmiti-las, principalmente aos jovens. Era fácil de entender quando ensinava, sem mistificações, direto, espontâneo,

natural. Sabia, na doação está a marca do Professor Genuíno, que sempre foi. Despreocupado com diplomas, só era ação, outra de suas lições.

Bem-aventurado JOVIANO, viveu completamente JOVEM até o fim.

ALMIRO P. AZEREDO

---

### JOVIANO DE REZENDE FILHO

JOVIANO, continua sendo difícil para mim falar de você. Não poderia, entretanto, furtar-me ao dever e à satisfação de homenageá-lo sempre que possível. Fui eleita por você para acompanhá-lo e disfrutar muito intimamente da sua vida, da sua carreira, de suas vitórias, anseios, frustrações e dos seus sonhos. Muitas lições ficaram e recorde-me especialmente de algumas: todas elas lições de vida.

Você nunca se preocupou em ser o maior, mas sempre se concentrou para conseguir realizar o melhor; a qualidade do seu trabalho e das suas atitudes era muito importante. Um critério do qual você não se afastava: o aprimoramento era primordial e essencial. Uma tentativa diária de conseguir se suplantar, afim de obter o máximo de qualidade em tudo o que se propunha. Estudava diariamente, voltando constantemente aos livros básicos para melhor assimilar novos conhecimentos e transmiti-los aos alunos. Você era um insatisfeito com a sua cultura geral e oftalmológica, com uma permanente frustração com o que não havia ainda aprendido.

E o seu dinamismo? As vezes eu o via cansado, perguntando-me a que horas era a conferência ou a aula. Seu corpo pedia repouso, mas o espírito era mais forte e desejava trabalho, precisava produzir e você rapidamente se refazia e "saía para a luta" como costumava dizer. Ia ao encontro dos colegas, dos alunos e dos doentes. A paciência e a perseverança foram marcantes em sua vida. Não havia tempo a perder com o supérfluo. Com os enfermos e com os alunos, todo o tempo era pouco. Por vezes a consulta era longa e estafante: casos difíceis,

insolúveis, acompanhantes inoportunos que, muitas vezes tumultuavam o consultório e você, com muito tato e sensibilidade contornava as situações. Suas palavras e atitudes com o doente eram sempre verdadeiras, honestas, mas nem por isso duras. Você conseguia dizer a verdade sem magoar. Transmitia fé e confiança. O paciente sabia que você ali estava para conseguir o máximo, ainda que o resultado fôsse discreto. Sempre houve em você uma dose imensurável de amor ao próximo. Era uma caridade digna que engrandecia a você e quem a recebesse. Sua solidariedade com o próximo era infinita. Quantas vezes eu o vi ajudando a estranhos, na rua, com o mesmo interesse que a um grande amigo. Você presentia os problemas e apressava-se em acudir. Geralmente você não era solicitado pois se antecipava. Tudo se passa discretamente e eu era cúmplice pois você desabafava suas preocupações comigo por não poder, muitas vezes, ajudar ainda mais.

Talvez muitos não saibam como você era cuidadoso ao receber as pessoas vindas de outros estados e de outros países. Você tinha a consciência da hospitalidade. Era importante para você receber bem, sem afetação, transformando a nossa cidade e a nossa casa num ambiente acolhedor, extremamente civilizado, que desse ao visitante uma boa impressão do nosso País. Você tinha um sentimento de patriotismo bastante acentuado e procurava transmiti-lo através do bom exemplo de cidadão. Sentia-se feliz e orgulhoso quando os amigos deixavam a nossa Terra falando bem e saudosos daqueles momentos aqui passados.

Você procurava colocar a sua inteligência a serviço do bem e sempre com muito desprendimento. Não havia calculismo em suas ações. Seu relacionamento era sempre uma fonte de prazer para os que pudessem privar da sua presença e você também se encantava deixando-se ficar em conversas intermináveis junto àqueles que lhe eram caros, apenas pelo salutar convívio entre pessoas de bem. Amigos você os soube fazer durante toda a vida. Até hoje recebo cartas e telegramas de muitos amigos. Também os clientes me escrevem ou quando vêm ao consultório relatam as experiências de vida que tiveram ao seu lado. Seria impossível enumerá-las. Demonstam apenas o quanto você tornou-se querido, admirado e cativou a todos. As provas me chegam às mãos diariamente, mais irrefutáveis que o meu desejo de falar das suas qualidades (eu certamente seria considerada suspeita...)

Você deu a cada minuto da sua vida uma dose de paixão, participando ativamente deste processo renovador que deve ocorrer dentro de nós permanentemente. Você não foi um simples espectador. Você escreveu a sua história com amor, elegância e de uma forma apaixonada conseguindo um equilíbrio muito especial graças a sua lucidez. Você não se deixava levar pelos impulsos. Você

tinha um espírito de justiça e equilíbrio que não o deixavam ser traído pela sua paixão. Acho que foi o sentido ético inerente à sua personalidade que o norteou com tanta propriedade nas suas soluções e resoluções.

Foi com lucidez que você se orientou para, ao sair de cena, deixar tudo em seus devidos lugares. A cada momento deparo, não só em casa mas também no consultório, com traços e relíquias da sua personalidade e dos seus ensinamentos que muito têm me ajudado a prosseguir a minha vida e com os nossos sonhos e ideais.

Imagino que agora você esteja um tanto ocupado prosseguindo com a sua missão de ensinar e ajudar o próximo em outras esferas que não a nossa. Uma pessoa tão especial como você não pode simplesmente desaparecer. Estou certa que um dia nos encontraremos e você mais uma vez estará à minha frente, com novos conhecimentos para transmitir-me. Continue a sua caminhada, mantenha o fogo do amor, a luminosidade da sua inteligência lúcida, a ternura da sua humildade e o calor da sua solidariedade. Todos estes seus atributos nos ajudarão a prosseguir até o dia do reencontro.

Mais uma vez, até breve JOVIANO.

LIANE DE REZENDE